

O HOMEM ARANHA NAS TEIAS DA MODA

Mário Oueiroz

O início do século XX viu surgir a história em quadrinhos. Em 1912 foi criado o primeiro ‘Syndicate’ que não se tratava de um sindicato mas uma espécie de agência especializada em fornecer matérias variadas, particularmente de entretenimento, que “acionaram os desenhistas em quadrinhos para a criação de novos títulos, ou adaptações das já existentes, com relação a II Grande Guerra. Assim ‘Tarzan’ pode ser encontrado a desbaratar algum comando nazista na África: as HO atuam como instrumentos de propaganda do governo”.(1)

Durante a 2ª Guerra Mundial, os quadrinhos, principalmente os de super-heróis, ganharam grande popularidade por serem uma alternativa barata, de fácil transporte e leitura, além de mostrarem a vitória contínua do bem sobre o mal, não importando as adversidades.

Mas neste mesmo período, parte da sociedade condena os quadrinhos.

“Por ocasião da segunda guerra, é lançado um livro criticando a HO, *Sedução dos Inocentes*, do Dr. Frederic Wertham, onde se destaca a sua influência sobre a delinquência juvenil. Este livro traz uma áurea de desconfiança e um preconceito quanto à leitura dos quadrinhos, que só irá desfazer-se mais tarde, quando intelectuais do mundo todo recolocam as HOs no seu devido lugar” (2)

Após a 2ª Guerra, os super-heróis sofreram pelo aumento dos quadrinhos de horror e crimes, além de um código que limitava o material que podia ser publicado. Eram necessárias novas histórias.

O processo teve início com a revitalização de vários heróis da era passada. Este recomeço veio através de *Flash*, seguido pelo *Lanterna Verde*, *Átomo*, e *Homem-Gavião*, culminando com o surgimento da *Liga da Justiça da América*, uma nova visão da *Sociedade da Justiça da América* do passado.

(1)(2) (1) Pg 31,32- (1) HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: LEITURA CRÍTICA
SONIA M.BIBE LUYTEN (organizadora) Edições Paulinas, SP, 1984.

A Marvel finalmente ergueu-se com a orientação dos hoje lendários Stan Lee, Jack Kirby e Steve Ditko. Eles criaram o personagem mais famoso da editora da época: *Homem-Aranha*. Quando criaram o Homem-Aranha, em 1962, optaram por um super-herói poderoso, mas o mais humano possível. Resultado: Peter Parker, um adolescente magro, CDF, míope, tímido e sem dinheiro.

O cinema deu vida aos desenhos, primeiramente com *SuperHomem* mas em 2002 iniciou a saga do Homem Aranha. Com direção de Sam Raimi “aparece levando aos extremos as possibilidades gráficas da nova geração de efeitos especiais hollywoodianos. Em ritmo de videoclipe, fluido e sobrevoando a cidade de Nova Iorque, o Homem-Aranha de Raimi é a imagem do ideal de juventude da Geração-MTV: vida cosmopolita, urbanidade e sobrevivência. Sem tocar os pés no chão, mascarado, Aranha é a imagem da leveza, dos gestos sob a brisa amena, do desapego. Frágil, longe da forma maciça de heróis hiper-musculosos, Aranha é preciso, rápido, sorrateiro”. (2)

O filme começou a ser feito no ano passado e tinha cenas em que apareciam as torres gêmeas do World Trade Center, destruídas em setembro de 2001 por ataques terroristas aos Estados Unidos. Isso provocou um atraso no lançamento de "Homem-Aranha" e modificações de cenas que já haviam sido preparadas. O longa-metragem é um dos primeiros filmes pós-11 de setembro que mostra prédios de Nova York sendo destruídos. O número 2 chegou as telas em 2004 também com direção de Sam Raimi e trazendo Tobey Maguire como “Homem Aranha”.

(2) Cinema de super-heróis:

as metáforas da potência e da conduta Felipe Braganca in [sitewww.contracampo.com.br](http://www.contracampo.com.br) em 10/09 21h.

O “Spider-Man 3” chegou aos cinemas em 2007 também com direção de Sam Raimi e com os mesmos atores principais: Tobey Maguire e Kirsten Dunst.

“Homem Aranha 3” é o maior investimento da história do cinema. Saído dos Quadrinhos (Marvel Comics) na década de 60, o Homem Aranha é um herói americano que ganhou vida no cinema em três filmes realizados. O que o diferencia de outros super heróis é o seu sentimento sombrio de culpa (por não ter evitado a morte do tio que o criou) e porque ganha dinheiro – mesmo que pouco e por uma causa altruísta – com o uso de seus poderes. Peter Parker é fotógrafo de um jornal – Clarin Diário - que lhe paga mal pelas fotos que tira do “Homem Aranha” em seus grandes feitos. Mas Peter é o próprio Homem Aranha. O filme em questão demonstra um momento em que a cidade de Nova Iorque ama e rende homenagens ao herói e Peter sente-se recompensado, feliz com o sucesso que não é verdadeiramente dele porque sem sua *roupa* ele não passa de um desconhecido que vive num apartamento caindo aos pedaços com a porta emperrada. Peter não se importa com isso: não conserta o apartamento (nem a porta), não reclama do que recebe no jornal – não reivindica sua contratação. Quando não estuda (ele faz uma universidade), nem fotografa, ele está no seu cômodo destruído ouvindo a rádio da polícia, atento para socorrer os novaiorquinos em qualquer momento. A gratidão – “sem nunca ganhar nada com isso” como diz um personagem anônimo rendendo homenagens ao Homem Aranha – parece bastar a Peter, mas reconhecer o sucesso não fará bem a ele.

Peter e sua namorada estão namorando em um parque quando uma “geleca preta” despenca do céu e pega carona na lambreta do “nerd” (é assim que Mary Jane se refere ao namorado em algum momento do filme). Essa tal geleca vai subir para o quarto do Peter e fica ali sem que ele saiba e vai esperar o momento certo para atacá-lo. E este momento é quando Peter reconhece seus poderes, quando deixa de ser o “nerd” que não se preocupa consigo mesmo, que não sente vaidade. Então essa “geleca” toma o corpo do herói, criando uma nova roupa, uma versão ainda mais “emborrachada” (lembrando as roupas de práticas sado-masoquistas) do uniforme tradicional, todo em preto.

A roupa transforma o modo de agir de Peter, como se a roupa grudasse nele e mesmo sem ela já está diferente. O garoto nerd agora se sente mais forte, mais seguro, mais sexy. Não quer mais a namorada já que poderá ter a garota que quiser. Entra numa loja de Moda e sai “transformado”, deixa por lá sua roupa inexpressiva e surge com uma roupa da moda, mais justa, preta. Sente-se irresistível, dança sensualmente, mexe com as mulheres na rua.

A peça preta que despenca do céu (a versão da história em quadrinhos é diferente: é Peter quem entra em contato com outro planeta) não é explicada. Sabemos apenas que agora Peter além de seguro, sexy, preocupado com dinheiro, também tem sentimento de vingança e quer matar o assassino do seu tio. Enquanto o tradicional Homem Aranha ele jamais mataria.

Então temos duas roupas no apartamento de Peter, colocadas separadamente em duas malas. A roupa colorida e a roupa preta. A roupa colorida que não interfere na vida normal do fotógrafo nerd, está ali para torná-lo um herói e ajudar os outros, enquanto a roupa preta extravasa um outro lado seu (a relação é óbvia: um lado sombrio).

A roupa preta transforma o Homem Aranha em outra personagem, é um vilão. É esta peça, símbolo de um mal que vem de cima, vai ficar em Peter até que numa cena em clima gótico quando ele está sozinho sentado na torre de uma catedral um sino toca. Então dentro da Igreja na torre do sino há uma transformação. Enquanto o sino toca a roupa descola do seu corpo. Como numa cena de exorcismo o mal sai do corpo de Peter e vai para o corpo de outro homem que tem raiva e rancor – exatamente um outro fotógrafo do Clarin Diário que estava na Igreja pedindo a morte do seu concorrente: Peter. Então a peça toma conta do corpo desse outro personagem que se transformará num horrível vilão: Venom.

Este filme nos faz repensar no poder da roupa para um super herói. Como em Super Homem, Batman e outros.. Peter Parker é pobre, indeciso, inseguro, mal resolvido emocionalmente mas quando está com sua roupa colada e sua máscara de Homem Aranha tudo pode.

A roupa do mal é preta. Também é preta a roupa dos roqueiros, dos darks, dos góticos, dos punks, gente que abandona os tons pastéis e as cores da bandeira dos Estados Unidos. A população não aplaudiria um herói de preto, aliás não existem super-heróis negros. O super-herói veste uma segunda pele colada ao corpo, o nerd usa qualquer roupa sem a menor sensualidade..

Então acredito nessas relações que podemos fazer entre a ficção (história em quadrinhos e cinema) com nosso dia a dia, no que diz respeito às roupas, a Moda. Principalmente quando pensamos no gênero masculino. O homem comum assiste os seus heróis – nos filmes, nos estádios de esportes – são mero espectadores, não participam, nem ao menos são coadjuvantes. Então não há um figurino. Formam uma massa amorfa, sem cor. Mas desejam em algum momento ser diferentes, a TV nos mostra isso: “Big Brother”, “Idols” e toda a programação que transforma o cidadão comum em estrela. E quando não escolhe esses caminhos, quando preferem as ruas e não as telas, surgirão com suas roupas diferentes à noite, às escondidas, no underground e possivelmente vestidos de preto. O “Lugar Comum” critica os homens insatisfeitos com sua situação de nerds, de uniformizados, de seres sem vaidades exatamente pela sua incapacidade de “vestir” outra roupa. Os “homens comuns” não têm em seu quarto as opções de Peter Parker, e não irão expor – ao menos à luz do dia – nem seu lado de herói, nem de anti-herói, mas sempre de mero espectadores. Além da relação colocada aqui entre o filme “Homem Aranha 3” e a Moda, há várias outras relações entre quadrinhos e Moda.

“Uma característica vital foi acrescentada à representação das imagens: o tempo passava a ser um elemento de organização da série. No entanto, fazia-se necessário que o leitor completasse o ‘vazio’ entre um e outro quadrinho. Um herói vai abrir uma porta: sua mão dirige-se para a maçaneta. No quadro seguinte está correndo pelas ruas. Foi preciso que o leitor preenchesse com sua imaginação a falta dos seguintes movimentos – o personagem abre a porta, sai, a porta bate, ele começa a correr – para que houvesse uma coerência entre os dois quadros.” (Pg 110, 111. SHAZAM! Mova. Álvaro. Ed. Perspectiva. SP. 1977).

“Se o cinema, ferramenta atuante da sociedade capitalista, tem como principal função revolucionário contestar antigas concepções estéticas (Walter Benjamin), o mesmo diremos dos quadrinhos: a cultura popular situada no próprio redemoinho da cultura elétrica do nosso tempo”. (Pg 15 “A EXPLOSÃO CRIATIVA DOS QUADRINHOS”

Cirne, Moacyr - Editora Vozes – RJ, 1970)

E podemos encerrar com as palavras da escritora Evelvne Sullerot em “Bandes desisínées et culture” declara: “A imprensa escrita, o cinema, as histórias em quadrinhos e as telenovelas são reservatórios mitológicos da nossa sociedade”.

Palavras-Chaves: *Super-Heróis – Cinema - Moda*